CRÔNICA

A Gota d'Água

Renato Gonçalves da Silva

No sertão da vida, onde o tempo racha a terra e o silêncio pesa mais que o sol, havia uma pequena planta. Frágil, curvada, quase vencida. Não pela falta de vontade de viver, mas pela ausência do essencial. Faltava-lhe água. Faltava-lhe esperança.

Os dias passavam lentos, arrastados, como quem já não espera mais nada. O céu, implacável, negava qualquer sinal de misericórdia. E a pequena planta, que um dia já fora verde, vibrante, cheia de promessas, agora resistia apenas por instinto. Não por força. Não por certeza. Apenas por um fio invisível que ainda a mantinha de pé.

Quantos de nós já estivemos assim?

De pé por fora, mas secos por dentro. Olhando o mundo com olhos cansados, esperando algo que nem sabemos mais nomear. Sede. Não apenas do corpo. Mas da alma.

E então, quando tudo parecia terminado, quando já não havia expectativa, nem pedido, nem voz para clamar... ela veio.

Uma única gota.

Não foi chuva. Não foi tempestade. Não foi milagre anunciado com trovões. Foi só uma gota. Silenciosa. Precisa. Exata. Caiu sobre aquela pequena planta como quem conhece o momento certo de chegar. Nem antes, nem depois. No limite.

E o que parecia insignificante revelou-se absoluto.

Aquela gota não era apenas água. Era vida condensada. Era resposta. Era presença.

A planta, que já se despedia do mundo, sentiu. Não foi imediato. Não foi explosivo. Foi profundo. A seiva voltou tímida, quase desconfiada. As raízes, que já haviam desistido de buscar, voltaram a se abrir para a terra. E, pouco a pouco, o verde começou a reaparecer.

Não por força própria. Mas porque alguém a sustentava.

E é aí que mora o equívoco de muitos. Esperam tempestades. Esperam abundância. Esperam sinais grandiosos. E, enquanto isso, deixam de perceber a gota.

A presença de Deus não é espetáculo. É precisão.

Ela não chega para impressionar. Chega para salvar.

Quando tudo seca, quando a alma racha, quando o coração já não consegue mais pedir... Ele vem. Não com excesso. Mas com o necessário. Não com alarde. Mas com verdade.

A gota.

E é nessa hora que a fé deixa de ser discurso e se torna experiência. Porque não há teoria que sobreviva à sede real. Não há argumento que substitua o alívio de quem, à beira do fim, recebe o suficiente para continuar.

A fé verdadeira não nasce na abundância. Ela nasce no limite.

Nasce quando já não há água no copo, nem força no corpo, nem saída no caminho. E, ainda assim, algo acontece. Pequeno aos olhos do mundo. Gigante para quem sente.

Uma gota.

Talvez você esteja esperando demais. Talvez esteja olhando para o céu esperando uma chuva inteira, enquanto Deus já está te sustentando com gotas que você insiste em ignorar.

A vida não se mantém pelos excessos. Mantém-se pelos encontros precisos.

E Deus, na sua infinita sabedoria, não desperdiça presença.

Ele não chega antes da hora, porque não é ansiedade. Ele não chega depois, porque não é abandono.

Ele chega no limite.

Exatamente quando você já não acredita mais que pode resistir.

E então, você resiste.

Não porque é forte. Mas porque foi alcançado.

A pequena planta não precisava de um oceano. Precisava de uma gota.

E talvez você também.

Renato Gonçalves da Silva

Renato Gonçalves da Silva

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Direitos autorais registrados. Todos os direitos reservados. Reprodução proibida sem autorização expressa do autor.